

# A EXCEÇÃO E A REGRA\*

Luiz-Olyntho Telles da Silva\*\*

[www.tellesdasilva.com](http://www.tellesdasilva.com)

“*Interessa-me ver o que acontece  
quando minha pessoa  
não serve de pantalha  
ao que ensino.*”

JACQUES LACAN, 10.06.1980  
(último seminário antes de ir a  
Caracas)

É possível que uma das críticas mais freqüentes, entre as feitas a Freud e à psicanálise, é a de que para ela e seu inventor *tudo é sexo*. Crítica frente à qual seus defensores não raro explicam que não se trata disto, não se trata de que para Freud tudo seja sexo, mas sim que tudo pode ser sexualizado. Mas os críticos não ficam satisfeitos e *a-gregam*: Freud é pansexualista!

A verdade é que essa crítica coloca em evidência o sexo como valor, e se o sexo tem valor, esse certamente vem dado pela linguagem que divide o ser em homem e mulher, e é a isto que se denomina de valores sexuais.

Quando a crítica diz que *tudo é sexo*, ela está relacionando de forma francamente determinativa o sexo ao todo e, com isso, ela emite um juízo completo e, ao gosto dos idealistas, verdadeiro.

Agora, o *pan*, com o qual os idealistas alimentam o sexo, *é o conjunto no qual é indiferente a situação da partes*. Aristóteles o distingue do *olon*, conceituado como *o conjunto no qual a posição das partes não é indiferente*. Enquanto *pan* se refere ao cosmos, *olon* se refere ao infinito enquanto vazio ou receptáculo<sup>1</sup>, ou seja, na medida em que *pan* denota cosmos nos leva a pensar no mundo como um inteiro, como um lugar onde nada falta, ao passo que *olon* denota um *vacui* cujo horror nos leva a preenchê-lo. Quer dizer, antes que pansexualista, Freud seria holissexual, se se pode tolerar a ironia.

Por outro lado, ao colocar em cena um elemento prosdiorístico que é o *todo*, e o estatuto deste universal só pode ser encontrado no nível do possível<sup>2</sup>, a crítica deixa entre bambolinas o *não-todo*, este outro prosdiorismo de que se utiliza Aristóteles nos primeiros passos de sua lógica formal. Contudo, como lembra Lacan, também se pode dizer que *todos os*

---

<sup>1</sup> FERRATER MORA, J., *Diccionario de Filosofia*. Madrid, Alianza, 1981, vol. 4, p. 3662.

<sup>2</sup> LACAN, J., *...ou pire* [1971-72]. Seminário XIX, inédito, de 12 de janeiro de 1972.

---

\*Publicado no livro “Freud/Lacan – O Desvelamento do Sujeito-Porto Alegre-AGE Ed. 1999

\*\*Psicanalista, Escritor, fundador da Biblioteca Sigmund Freud, espaço de interlocução e formação psicanalítica. - Porto Alegre \_RGS

*homens são mortais* sem com isto decidir a questão do ser humano; primeiro, é necessário assegurar-se de que ele existe.

Antes de entrar na questão da existência, contudo, não parece demais lembrar com Aristóteles, Frege e Lacan que é com o quantor *todo* – derivado do *olon* e não do *pan* –, que se estabelece logicamente um lugar vazio. Quando se escreve, por exemplo, uma *statement form* – para usar uma terminologia de J.Findlay<sup>3</sup> –, do tipo *para "todo x" convém a função x* – este *x* assume na proposição a forma de um buraco para receber um argumento.

$$\forall x . fx$$

Lacan, transformando esse quase-enunciado em enunciado, utiliza a função fálica como argumento e diz que para *todo x* se cumpre a *função fálica*, utilizando-se ele mesmo para isto – tanto como tenho podido verificar até este momento –, de um *aleph* para representar o quantor universal *todo*:

$$\forall x . \Phi x$$

Vejam só: Lacan se depara com um buraco e, lógico, aí introduz o falo como argumento. E o interessante é que esse falo não irá tapar o buraco, ao contrário, universalizar-se-á como representante da falta.

Para todo ser falante se cumpre a função fálica. Outra vez a ironia? Em que essa assertiva se distingue da feita pela crítica, uma vez que também aqui o sexo é afirmado em relação ao todo?

Lacan recorre à existência do prosdiorismo particular *algum* para dizer, em outras palavras, que faz falta uma exceção para que se justifique a regra. Ora, na medida em que *existe um x* para o qual *fx* não se cumpre, o *não-todo* é afirmado, e é justamente ao *não-todo* que está reservado indicar que em algum lugar tem relação a função fálica<sup>4</sup>, o que certamente não é o mesmo que afirmar a existência da relação sexual, pois, quando Lacan asserta que não há relação sexual, o que aí fica afirmado é que o sexo não define nenhuma relação<sup>5</sup>.

É a partir da afirmação da existência de um *x* [  $\exists x$  ] que os outros elementos proposicionais podem funcionar; é a partir da referência a essa exceção, a este 'existe', que irá apontar justamente ao rechaço da função.....

$$\Phi x \text{ negada} = \overline{\Phi x}$$

<sup>3</sup> FINDLAY, J., *Axiological Ethics*, 1970. *Apud* J.FERRATER MORA, idem n. 220.

<sup>4</sup> LACAN, J., Idem Ibidem n. 221.

<sup>5</sup> LACAN, J., Idem n. 221, seminário de 8 de dezembro de 1971.

criando um vazio que possibilitará o movimento. Quer dizer, existe *homo-inzune* que rompe a estabilidade da denotação da proposição universal: existe *ao-menos-um* para o qual a função fálica não se cumpre

$$\exists x . \overline{\Phi x}$$

Quando nos referimos à *função fálica*, o uso desse adjetivo descreve uma referência ao falo e não o falo propriamente dito, o que implica que a negação da função fálica afirma a vigência do falo

$$\overline{\Phi x} \rightarrow \Phi$$

O que a função fálica conota é a submissão à castração. Assim, enquanto no universal todo  $x$  está submetido à castração, no particular existe um que à castração não se submete.

Estamos às voltas com as fórmulas da sexuação propostas por Lacan; vocês já se deram conta disso pelo menos desde o segundo parágrafo, mas deixem-me continuar um pouco mais, preciso disso – é lógico –, para afirmar-me nesse terreno escorregadio.

Nestas fórmulas temos tratado até agora do jeito homem<sup>6</sup> de ser.

$$\exists x . \overline{\Phi x}$$

$$\forall x . \Phi x$$

Lacan diz que essa exceção é representada pelo pai da horda primitiva, esse que vivia só, como único macho, entre as mulheres, seguindo para isso a indicação que dá Freud em *Totem e Tabu*. Como sempre, na busca das origens, nos defrontamos com um mito. E é verdade, o pai da horda primitiva precisa, necessita ser mítico; talvez se possa avançar mesmo, se são dele todas as mulheres, que a exceção necessite ser mítica, pois como diz Leporello, o fiel escudeiro de Don Juan:

"...

*In Italia seicento e quaranta;*

*In Almagna duecento e trentuna;*

*Cento in Francia; in Turchia novantuna;*

*Ma in Ispagna son già mille e tre.*

---

<sup>6</sup> LACAN, J., *Encore* [1972-73]. Paris, Seuil, Col. Le Seminaire, Livre XX, 1975, pp.73ss.

... "7

É enquanto falo que o pai as tem, enquanto priapo, pois é enquanto ereto, enquanto túmido que ele possui as mulheres.

Está bem, Freud *dixit*, Lacan *dixit*, e o sujeito, o que é que ele tem a ver com essa história? Antes de mais nada, precisamos ter presente que é o próprio sujeito o autor dela, mesmo de sua pré-história, é ele o único historiador autorizado a falar dela, mesmo de sua pré-história. Há mais de quarenta anos atrás, em 1952, no seminário dedicado ao Homem dos Lobos, Lacan dizia que *a história é uma verdade que tem como propriedade que o sujeito que a assume depende dela em sua própria constituição de sujeito*<sup>8</sup>. Menos mal que a verdade é não-toda, o que possibilita ao sujeito analisá-la e reanalisá-la ao ponto de que ela venha a depender do próprio sujeito que poderá então reconstruí-la. Mesmo porque, quem é mesmo que pode contar a história do nascimento do sujeito? O pai que ardia de desejo pela mulher que depois veio a ser a mãe do sujeito? A mãe que sonhava com o embalo do berço? Algum *voyeur* que acompanhou o romance? As bruxas que ao lado do berço fizeram seus vaticínios? A verdade é que essa história é incontável, pelo menos como versão única!<sup>9</sup>

E é por isto que o sujeito precisa construir o mito? Diria que sim, porque como o sujeito não pode ser o falo, ele fala; ou, como se diz na primeira pessoa do singular da *alíngua* portuguesa: como não posso ser o falo, falo! O sujeito, como ser detumescente, necessita erigir um mito que tenha dado conta de todas. Essa necessidade, conforme a distinção clássica, é uma necessidade de *dicto*, concernente a *dictio*, concernente ao discurso e, conseqüentemente, antes que ontológica, trata-se de uma necessidade lógica<sup>10</sup>. Como diz Lacan, *a detumescência no macho engen drou esta convocatória de tipo especial que é a linguagem articulada graças ao que se introduz em suas dimensões a necessidade de falar, e é daí que surge a necessidade lógica como gramática do discurso*<sup>11</sup>. Isso faz pensar que a *ananke* não começa senão com o *parletre*, e assim tudo o que se pode produzir é sempre um fato de *dictio*. De modo que essa necessidade não pára de se escrever.

Na medida em que o sujeito precisa construir o mito, na medida em que precisa falar da sexualidade, isso faz pensar que não se pode confundir a função do sexo com a da reprodução, confusão que não é difícil de ocorrer, mesmo em Aristóteles quando ele diz, por exemplo, que *a Espécie só gera uma vez, de uma matéria só sai uma mesa, enquanto que o que*

<sup>7</sup> DA PONTE, LORENZO, *Don Giovanni* (Libreto). Quadro II, Cena 4, Ária 4ª.

<sup>8</sup> LACAN, J., *El hombre de los lobos*. Notas de seminário [1952]. Fichas da Escola Freudiana de Buenos Aires., p. 9.

<sup>9</sup> BORGES, J.L., "Pierre Menard, autor do Quixote". In *Ficções*. Porto Alegre, Globo, 1970, p. 36.

<sup>10</sup> FERRATER MORA, J., *Idem* n. 220, vol. 3, p. 2322.

<sup>11</sup> LACAN, J., *Idem* n. 221, Seminário de 19 de janeiro de 1972.

induz a Espécie, sendo um, faz muitas; o mesmo sucede ao macho com relação à fêmea, pois esta é fecundada por um só coito, enquanto que o macho fecunda a muitas<sup>12</sup>. Pode-se observar que aqui também cabem as proposições do universal, para a espécie, e do particular, para o um.

Diferente da reprodução, a sexualidade requer a intervenção de um plano cultural. O sujeito terá que se situar em relação ao pai<sup>13</sup> e, desde logo, ao pai Simbólico, uma vez que este é o registro compatível com a presença do significante, tornada possível pela ausência do pai real<sup>14</sup>. É neste sentido que o pai bom é o pai morto. Parece que quanto menos mergulhado no Real estiver a figura do pai, melhores serão as possibilidades metafóricas do significante do Nome-do-Pai.

Se estamos falando das fórmulas da sexuação, está faltando algo. Claro, a pretensão é de que o enfoque seja psicanalítico, espaço onde se trata do particular, e até agora só temos falado do universal e da exceção que o justifica. Pois bem, é hora de trazer para o centro do palco o *não-todo*, e para isso voltemos ao mito do pai da horda primeva. Há aqui algo de bem interessante a respeito desse mito, este que diz que o homem original, o pai da horda primeva, gozaria de todas as mulheres; interessante justamente porque isso não é possível. Não é possível gozar de todas as mulheres. E isso não é possível simplesmente porque cada um tem seus limites, senão que isso não é possível porque ele gozaria do que não existe. Ele estaria gozando do *todo* das mulheres, e isso é justamente o que não existe, não há o *todo* das mulheres. É como *não-toda* que elas se vinculam à castração, uma vez que não existe nenhuma para a qual a castração não se cumpra.

$$\overline{\exists x} . \overline{\Phi x}$$

Esse *não existe* afirma o impossível, o que quer dizer que é do Real que a mulher toma seu vínculo à castração.

É preciso observar ainda que o *não todo* é possibilitado pela exceção do *homoinzune* que não se submete à castração. Se ele é uma exceção subtraída ao universal, isso significa que o *todo* não é completo, abrindo-se assim a possibilidade de que o *não-todo* também se vincule à castração.

$$\exists x . \overline{\Phi x}$$

<sup>12</sup> ARISTÓTELES, *Metafísica* (Edição trilingüe por Valentin Garcia Yebra). Madrid, Gredos, 1987, p. 77.

<sup>13</sup> LACAN, J., Idem n. 227, p. 7.

<sup>14</sup> LACAN, J., "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la Psychose". In *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, pp. 556-57.

$$\Downarrow \frac{\quad}{\forall x} . \Phi x$$

Quer dizer, se *La mulher* não existe, existem as mulheres como *nãotoda*, e é por este modo particular, não totalizado, não universal, que o conjunto das mulheres se opõe ao universal. Podemos pensar então que é por esse particular que é preciso passar para chegar ao universal. E esse passe certamente depende do modo como o sujeito se estrutura em relação à *função do pai*<sup>15</sup> como responsável pela *Bejahung* primordial sobre o significante<sup>16</sup>. Na ausência dessa afirmação, a *Verwerfung* levará Schreber a ficar fixado nesse particular, acreditando que é pelo gozo da mulher que poderá alcançar Deus, que poderá alcançar o um, em última instância o significante da inexistência. Para que o sujeito tolere a castração, o juízo de existência supõe a presença de uma primeira *Bejahung* a qual possibilitará, por exemplo, que Tirésias, mesmo tendo visto a deusa Palas nua, consiga escapar da morte e adquira uma visão universal, visão esta, creio, a qual se pode entender como uma metáfora para a possibilidade de escutar o significante.

Pois bem, aí está! Toda essa volta para, ao final, perguntar com uma exclamação: o que seria de nós, se não fossem as mulheres?



---

<sup>15</sup> LACAN, J., Idem n.225, p. 107.

<sup>16</sup> LACAN, J., Idem n. 233, p. 557.